

# humanitas

Vol. LXIV  
2012

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

conta a conjuntura cultural do tempo dos Sofistas, em que correntes paralelas de pensamento mostram que tal atitude em relação ao fenómeno religioso se coaduna com o que encontramos em outros *corpora* literários, como os escritos hipocráticos, que contribuíram igualmente para uma perspectiva crítica e racional indissociável do processo cultural que caracteriza a Grécia do século V a. C. Mas há que reconhecer a originalidade quando deparamos com ela e, para M<sup>a</sup>. A. Durán, essa característica está no facto de os Sofistas terem abordado estes problemas do ponto de vista teórico. I.e., como problemas em si mesmos e não *en passant* num qualquer outro contexto.

Também o teatro e os seus autores se revelam fontes fundamentais para o tratamento desta problemática, designadamente Ésquilo e Eurípides, quer pelo «cumprimento da norma» quer pelo «eventual desvio dela» que estes escritores parecem representar. Se Ésquilo parece estar numa ponte construída entre a religiosidade olímpica/homérica tradicional e a religião cívica – numa espécie de compromisso qual sinal dos tempos que então se viviam –, já Eurípides, por exemplo, é outra peça-chave nesta discussão dado que, tal como Protágoras, chegou a ser acusado de ateísmo por alguns dos seus críticos. E, no entanto, estes terão sido dois dos intelectuais gregos que mais se terão preocupado com o problema da natureza dos deuses no seu tempo. Um eventual paradoxo, como nota a A. em conclusão, mas que não deixa de estar totalmente enquadrado no que conhecemos da Cultura Grega.

Em síntese, estamos perante um livro excelente. Um estudo sério, rigoroso, exaustivo que deverá servir de obra de referência para todos os que se dedicam ao estudo da religiosidade dos Gregos. Eventualmente, a edição poderia ser melhorada com a inclusão de índices de passos citados e de nomes próprios e temas. Há que não esquecer que estes são instrumentos de trabalho básicos, hoje fundamentais em qualquer edição científica.

NUNO S. RODRIGUES

EURÍPIDES, *Tragédias II*. Tradução do grego, Introdução e notas de Frederico Lourenço, José Ribeiro Ferreira, Maria do Céu Fialho, José Luís Coelho e Carlos Ferreira Santos. Lisboa, INCM, 2010.

O 2º volume das *Tragédias* de Eurípides, que integra o projecto editorial da colecção Biblioteca de Autores Clássicos da Imprensa Nacional Casa da Moeda, coordenado por Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade

de Coimbra) e apostado na divulgação da totalidade das peças supérestites daquele dramaturgo grego, oferece ao público de língua portuguesa mais cinco tragédias: *Hipólito*, *Andrómaca*, *Hécuba*, *Héacles* e *Suplicantes*. Trata-se, no caso das duas primeiras, de uma reedição inteiramente revista das traduções publicadas nos anos 90 e 70 por Frederico Lourenço e José Ribeiro Ferreira, respectivamente, ambos professores da Universidade de Coimbra; as restantes foram traduzidas para integrarem a presente edição: *Hécuba*, cuja introdução é da responsabilidade de Maria do Céu Fialho (Universidade de Coimbra), foi traduzida e anotada por José Luís Coelho (Universidade de Coimbra), *Héacles* por Carlos Ferreira Santos (Universidade Católica Portuguesa) e *Suplicantes* por José Ribeiro Ferreira.

A ordenação das peças parece obedecer a um critério cronológico, pois, apesar de se desconhecer a data exacta de representação de cada uma delas, tem-se hoje como muito provável, para as situar cronologicamente, o período que decorre entre 430 e 420 a.C, exceptuando-se talvez *Héacles*, que, como defende o tradutor (pp. 255-258), poderá ter sido levada à cena cerca de 414 a.C. Um acontecimento histórico de magna importância as enquadra a todas, como, de resto, à maior parte da produção trágica de Eurípides que chegou até nós – a Guerra do Peloponeso. Ora, um dos aspectos temáticos que, de alguma maneira, unifica o conjunto de peças agora publicado – à excepção de *Hipólito* e de *Héacles* – é o seu posicionamento crítico relativamente à guerra, quer no que diz respeito às motivações humanas que a desencadeiam, quer às consequências demolidoras que ela provoca tanto para vencidos como para vencedores – temas que, com alguma insistência, percorrem a tragédia euripídiana. Os casos mais flagrantes são, evidentemente, *Andrómaca* e *Hécuba*, ligadas às narrativas sobre a guerra de Tróia, e *Suplicantes*, uma revisitação de alguns aspectos da lenda dos Sete contra Tebas.

Além de uma bibliografia geral sobre o teatro de Eurípides, cada peça contém, após a Introdução, uma bibliografia específica, actualizada, acerca dos mais variados aspectos que têm sido objecto da investigação dos especialistas.

As Introduções, que antecedem a tradução, abordam, de forma mais ou menos aprofundada, aspectos relativos à data de composição, ao contexto histórico em que as peças foram produzidas e apresentadas a público, ao mito tratado em cada uma delas – evocando tratamentos anteriores, na épica e na lírica, e mostrando as inovações do dramaturgo – à caracterização das personagens e ao sentido global das tragédias.

As traduções, baseadas no texto de James Diggle, primam pelo rigor, fluência e elegância, adaptando-se aos vários registos emocionais do texto de Eurípides – do *pathos* mais intenso ao mais frio exercício da razão.

No caso de *Hipólito*, uma reedição, Frederico Lourenço apresenta uma versão revista e modificada daquela que publicara em 1993: para além das diferentes opções relativas à tradução de conceitos como o de *aidos*, anteriormente traduzido por ‘pudor’ e agora por ‘respeito’, ou o de *sophrosyne*, agora traduzido por ‘castidade’ em vez da anterior ‘sensatez’, nota-se a louvável preocupação de oferecer um registo mais elevado, substituindo expressões mais vulgares da anterior edição, e também a de conferir um ritmo mais cadenciado às frases, quer nos diálogos, quer nas odes corais, o que, em geral, torna o texto mais agradável de ler e permite uma maior aproximação à beleza poética do texto de Eurípides.

A versão agora apresentada de *Andrómaca* é também uma revisão integral da que José Ribeiro Ferreira havia publicado em 1971. Preside a esta nova edição o objectivo de a tornar acessível ao leitor comum, não especialista, daí o corte substancial das notas, sobretudo as que diziam respeito a questões de crítica textual, e a procura de uma maior clareza da tradução, evitando alguns hipérbatos que dificultavam a apreensão do sentido do texto.

Acompanham as traduções preciosas notas explicativas que apresentam um equilibrado balanço entre a preocupação de esclarecer o leitor comum sobre referências mitológicas e sobre a interpretação de determinados passos ou conceitos gregos, por um lado; e, por outro, a de não esquecer também o leitor mais informado, a quem porventura interessará aprofundar as questões que têm suscitado maior polémica entre os críticos. Nota-se, porém, o cuidado de não sobrecarregar os textos com uma abundância de notas que obrigaria a constantes interrupções da leitura. O registo das notas em rodapé de página é também uma opção editorial que muito facilita o rápido acesso a esses esclarecimentos.

No entanto, notam-se algumas falhas no que respeita à uniformização de critérios. Por exemplo, nem todas as peças contêm o argumento, sem que se perceba a razão quer da sua presença quer da sua ausência; e também não há coerência no tratamento gráfico dado às partes faladas e às cantadas, optando alguns tradutores pelo uso exclusivo da prosa e outros por fazer a distinção, sem dúvida mais vantajosa para o leitor, desde que previamente explicada, entre umas e outras, com recurso ao verso para as partes líricas.

A pensar no público em geral, talvez fossem proveitosas algumas notas prévias, relativas aos argumentos das peças (o que são, donde vêm), às rubricas de cena e às partes estruturais da tragédia, bem como aos distintos modos de elocução que as caracterizam.

MARTA ISABEL DE OLIVEIRA VÁRZEAS

FERNÁNDEZ, Ángel Martínez. *Επιγραφές Πολυρρηνίας*, Athens: Hellenic Ministry of Culture and Tourism, TAPA, Publications of the *Archaiologikon Deltion* No. 103, 2012, 266 pp. ISBN: 978-960-386-028-0.

Este libro es un estudio y una edición crítica del *corpus* epigráfico de la antigua ciudad de Polirrenia, en total 81 inscripciones griegas y dos latinas. A estas inscripciones hay que añadir los textos incluidos en el libro en el apartado dedicado a los Testimonios filológicos y epigráficos que hacen referencia a esta ciudad (pp. 43-66). El estudio de las inscripciones se basa en la autopsia de las mismas y en el trabajo de campo sobre el lugar. El autor del libro ha realizado satisfactoriamente la labor propia del epigrafista de leer correctamente los textos, completar las partes perdidas dentro de lo posible, interpretar las no pocas dificultades que los textos presentan y datar correctamente los documentos.

Me parece digno de mención que el autor del libro para la realización de su estudio ha contado con la colaboración de relevantes figuras de Grecia en diferentes ámbitos (pp. 15-18). En el campo de la epigrafía y arqueología, se puede destacar la colaboración con María Andreadaki-Vlazaki, Ex-directora de la Eforía de Antigüedades Prehistóricas y Clásicas de Chania y actual Directora General de Antigüedades de Grecia, Charalampos Kritzás, Director Emérito del Epigraphical Museum de Atenas, Stavroula Markoulaki, Directora del Lugar Arqueológico de Polirrenia, y Vanna Niniou-Kindelí, Directora del Lugar Arqueológico de Aptera. En el terreno de la cultura, destaca el apoyo de Antonis Papadimitriou, presidente de la Fundación Onasis.

Conviene destacar que la continua labor de campo en el lugar llevada a cabo por el autor ha permitido conocer un buen número de inscripciones inéditas encontradas por el propio autor, ya se trate de inscripciones publicadas en investigaciones recientes por A. Martínez, ya se trate de inscripciones publicadas en este libro por primera vez. En cuanto al primer